

A ILICITUDE NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

BARREIROS, Marat Guedes

*Especialização em Gestão Estratégica de Recursos Humanos
Coordenador de Curso, Professor Faculdade do Guarujá*

GODOY, Valdir Alves de

*Doutor em Administração Educativa
Gestor Educacional, Professor Faculdade do Guarujá*

RESUMO

O tema proposto nos remete a uma reflexão sobre os meios ilícitos utilizados pelos estudantes na hora da realização da verificação de desempenho – prova, buscando sinalizar para as conseqüências e envolvimento de todos nesse processo, bem como, abordar a preocupação que as instituições devem ter com seus discentes. Dentro do processo educacional o envolvimento de todos e, principalmente, dos agentes transmissores de conhecimento, é fundamental para que levemos a consciência daqueles que praticam tal ilicitude, de que, esperto não é quem cola na escola, mas sim, esperto é o que aprende e se destaca em seus aprendizados.

Palavras-chaves: Responsabilidade, cola, fraudes, formação profissional.

INTRODUÇÃO

É consenso entre os professores de que o aluno ao ser promovido automaticamente de uma série para outra, não levará consigo a capacidade de dedução que deveria ter sobre alguns conceitos do Ensino Superior.

Na era do conhecimento e da informatização, infelizmente, uma grande parte do alunado não está buscando na Educação Superior o conhecimento como deveria ser esperado. A maioria busca somente o diploma, com o objetivo de ingressar no mercado de trabalho, por não considerar as Instituições de Ensino Superior como sendo um centro de cultura e aprendizagem.

Nesse sentido, percebemos que alguns alunos se utilizam de meios mais “fáceis e rápidos” para conseguir seus objetivos (boas notas). Estudantes buscam sempre o caminho mais fácil, chegando ao mercado de trabalho preguiçoso e corrompido por ideais nada éticos. Esses alunos estão usando o direito à liberdade como argumento para

diminuir, ou mesmo ofuscar, a questão mais importante: a falta de ética quando se utiliza de mecanismos de cola numa prova, ou trabalho.

Pessoas possuem grau diferenciado de valores, ou seja, existem delitos que para alguns não são considerados graves, enquanto que, para outros, podem levar a pessoa a perder noites de sono.

A cola, atualmente, é considerada uma fraude plausível pelos alunos, o que é preocupante, pois mostra que o jovem atual não sabe reconhecer um aspecto negativo nesta atitude. Em um mundo onde se valoriza cada vez a transparência e a prestação de contas, um jovem com valores retorcidos não tem chance no mercado de trabalho. Enganam-se quem pensa o contrário!

Trabalho, família, correria do dia a dia são motivos que justificam a falta de tempo para dedicação no estudo. O famoso lembrete (cola) resolve o problema de vários alunos na hora da prova. Universidades, Escolas e Concursos estabelecem regras rígidas que devem ser seguidas e uma delas é que as provas devem ser efetuadas sem consulta. Os alunos flagrados colando são automaticamente eliminados/desclassificados.

Observamos que o mercado de trabalho está ávido por profissionais capacitados para preencher milhares de vagas disponíveis. Conforme informações do MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, por intermédio do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, no Brasil, temos mais vagas disponíveis do que pessoas desempregadas, e que o não preenchimento delas, ocorre por falta de pessoas preparadas e capacitadas.

Entretanto, a cola também tem seu aspecto positivo, pois para prepará-la o aluno necessita ler a matéria e condensá-la ao máximo para que possa utilizá-la sem ser notado. Como é sabido, o ler, reler e escrever sobre determinado assunto é uma das melhores formas de aprendizado. Sendo assim, a preparação da “cola” não deixa de ser uma forma de estudo, porém, sua utilização não é ética, tampouco lícita.

Desde os primórdios, a cola está enraizada na vida escolar, pois o aluno se habitua às facilidades que a mesma propicia. Martins (2011) em um dos seus artigos procura sintetizar em etapas a consolidação do processo:

“Os alunos na educação infantil enxergam a cola como uma forma de mostrar aos familiares e mestres o rápido desenvolvimento cognitivo. [...] No segundo momento, os alunos no ensino fundamental exercitam a cola como afirmação de maturidade, de afirmação pessoal: ‘Eu pesco, eu passo’. Já não tão diferente do que ocorrerá com os alunos no ensino médio que se habituem a colar e, finalmente, os alunos na educação superior aperfeiçoam a cola”.

Percebe-se que boa parte dos alunos em nenhum momento hesita em colar, seja por quais motivos forem, pois a cola, por várias vezes é motivo de orgulho em uma cultura de “esperteza”, onde o objetivo é transgredir regras e normas. A cola nasceu com o estudante e evolui rapidamente com os recursos eletrônicos.

A criatividade e o talento para bolar a cola são merecedores de destaque, pois vão desde o papelzinho minúsculo e sanfonado escondido em baixo da perna, no verso

da calculadora, as fórmulas matemáticas com números reduzidos gravados na régua, lembretes escritos nas mãos ou pernas, na borracha, na carteira, ou onde couber. Existem relatos de cola gravada no lado interno da gravata. Alguns são tão arrojados, que colam com a apostilha em baixo da prova.

Hoje, com a evolução dos recursos eletrônicos, temos cola via celular, pois os aparelhos recebem e enviam e-mail, gravam textos e transmitem informações de viva voz, onde se utiliza o ponto eletrônico.

Dentro da visão direcionada para uma questão de consciência responsável, temos como objetivo alertar os discentes de maneira em geral e, em particular, os que pretendem obter e seguir sua carreira pautada numa formação sólida, a necessidade de abordagem enfatizando a questão para conduzir os alunos à conscientização da necessidade de respeitar a sua formação.

Embora, como vimos, os mecanismos de cola sejam praticados no mundo todo, no Brasil, essa prática encontra terreno muito fértil quando associado aos modismos de descumprir determinados comportamentos éticos com a formação acadêmica, onde é comum encontrarmos alguns que chegam a se orgulhar disso, ao invés de se envergonhar.

O Papel das Instituições de Ensino e os Mecanismos de Cola

As instituições de ensino e os professores que ao conviverem com esse tipo de situação, de uma maneira conivente, estarão contribuindo, e muito, para que cada vez mais profissionais despreparados estejam sendo apresentados ao mercado de trabalho, os quais são responsáveis diretos pela má qualidade da formação discente.

O mais interessante é que existem no meio estudantil, dicas na internet que se dizem infalíveis para que o aluno tenha sucesso na tentativa de cola em uma avaliação, reforçando assim, mais uma vez, a inconsciência equivocada na formação acadêmica.

Vejamos agora, alguns tipos mais simples de mecanismos de cola, no meio estudantil:

- **Método Buscar Olhar a Prova do Colega:** Na hora da prova, como se você fosse a pessoa mais inocente do mundo, meio sem querer, deixe seu olho escorregar “inocentemente” por sobre a prova do vizinho. É importante lembrar que para isso você precisa ter uma boa memória para decorar pelo menos metade da prova;

- Método Borracha: Esse é o método mais popular e talvez o mais usado. Consiste em: Usa-se uma borracha Faber-Castell verde. Nela copiam-se tudo o que der da prova e então se passa para o COLANTE;
- Borracha Mão em Mão, Olho em Olho: A borracha vai passando de mão em mão até o colante destinatário e, nesse percurso, também passa de olho em olho por todos o que nela pegaram;
- Borracha Voadora: A borracha sai “voando” de um canto a outra pela sala;
- Borracha Corredora: A borracha “corre” por entre as carteiras até chegar ao destinatário;
- Método Papel: Semelhante o da borracha, porém com um papelzinho;
- Método do Resumo-Amigo: O colante deve fazer um resumo da matéria correspondente e “esquecê-lo” debaixo da carteira;
- Método no Corpo: Copia-se o que puder (e o que não puder também) da matéria nas mãos, antebraços, braços, cotovelos, ombros, coxas, panturrilhas, pés, virilha, nádegas, etc. e faz-se algumas consultas na hora da prova.

Podemos notar que todos os meios possíveis de cola, possuem certo grau de risco, o que apavora cada vez mais o aluno que não tem coragem ou segurança no uso de tal mecanismo ilícito, seja ele, talvez, pautado em uma consciência ética, moral ou educação oriunda do seio familiar que os fazem refletir sobre suas ações.

Fica claro que esses conceitos morais, não conseguem coibir tal prática. Evidentemente, todo o processo de ensino aprendizagem passa por um crivo avaliativo, cujo objetivo é mensurar o aprendizado do aluno, onde este, por muitas vezes, se vê em desespero ou dificuldades de assimilação de conhecimento, seja por motivo de conteúdo ou por pressão docente.

Os docentes de uma forma geral têm que levar em conta que ao elaborar uma avaliação, deverá se perguntar qual é o objetivo da avaliação proposta, e a partir daí, direcionar questionamentos no intuito de apuração e mensuração do conhecimento, e não utilizar da avaliação, como sendo um meio punitivo, que muitas vezes desesperam o aluno.

Outro ponto interessante que se deve levar em conta é a quantidade de questões a serem elaboradas, no qual está deverá ser na medida exata da apuração, desde que

atenda os objetivos da prova, sendo que, provas extremamente extensa, podem de alguma maneira, contribuir para a intenção de cola.

Claro que o grau de “dificuldade” que a prova poderá ter, poderá ser fator determinante, haja vista que provas muito fáceis poderão ser motivo de comentários e facilidade de utilização de meios ilícitos para a comunicação entre os alunos. Por outro lado, provas extremamente difícil, poderão levar ao caos, onde, independentemente da situação, o professor deverá ficar atento.

Outro fator importante que deveremos levar em conta é o ambiente em que a avaliação é realizada, pois ambientes extremamente apertado, poderão servir de meio de consultas a colegas ou mesmo a materiais não permitidos. O ideal é que o ambiente onde for realizada a avaliação deva estar bem confortável e livre qualquer meio de interrupção ou barulhos, que venham tirar a concentração dos alunos.

É claro que o estado emocional do aluno poderá denunciá-lo para uma possível tentativa de cola ou algo assim, onde, involuntariamente, o mesmo esboça alguns sinais que deverão ser percebido pelo professor, como ansiedade, angústia, etc.

Por outro lado, o estado emocional do professor também pode ser fundamental na realização da prova, pois se o docente estiver meio despreocupado com a prova, meio displicente com alguns cuidados básico e, muitas vezes, ausentando-se da sala, isso poderá ser um fator determinante para a realização da cola.

O docente não pode negar que com o avanço tecnológico, novos meios de cola nas avaliações poderá surgir, bem como, novas criatividade de alunos especialistas nesse tipo de comportamento, onde constantemente, o professor deverá estar “antenido” com as novas técnicas existentes nos processos de cola.

Horripelmente, encontramos na internet sites que estimulam essa prática burlativa de demonstração de conhecimento, chegando até ao oferecimento de sistemas computacionais com dizeres do tipo “programa bom pra trapacear com os professores e fazer uma cola bem feita e um pequeno pedaço de papel”.

Essa preocupação com a formação do discente faz com que as instituições voltem os olhos para dados estatísticos que são extremamente relevantes, no processo de formação dos egressos, onde, por exemplo, nos EUA, na década de 60, 25% dos estudantes de nível colegial tinham utilizados de meios ilícitos na realização da prova, porém, nos anos de 2001 e 2002, 75 % dos estudantes, utilizaram de algum meio ilícito na hora da avaliação.

Por outro lado, no Brasil, aproximadamente 60% dos estudantes universitários já fizeram uso de algum meio de cola, onde já faziam o exercício dessa prática desde a época do colegial, sendo que, na universidade só aprimoraram tal prática.

O que é mais interessante é que essa prática toma maior ênfase, entre os estudantes, na fase de formação inicial, ou seja, os primeiros contatos ou primeiras intenções de cola surgem na 5ª série do ensino fundamental, onde começa a fazer parte do currículo do estudante, várias disciplinas com diferentes professores e diferentes posturas, onde, talvez, possam surgir alguns fantasmas imaginários na cabeça dos estudantes.

Nessa fase da vida e da formação, o aluno do Ensino Fundamental, especialmente na 5ª série, não tem a dimensão do que isso possa representar para ele (aluno) no futuro e, cabe ao professor, com muita maturidade e sabedoria, abordar esse tema de forma bem sutil e consciente, e não como forma de repreensão ou punição em tal prática.

Desta maneira, ao ingressar no Ensino Médio, o estudante terá uma conscientização e comprometimento maior com a sua formação, através de conceitos responsáveis, que, por muitas vezes, exclui aquele pensamento errôneo de que “minha mãe ou meu pai me obrigam a estudar várias horas por dia, para tirar boas notas”.

Ao chegar ao Ensino Superior, onde ele (aluno) se vê na busca e obrigação de uma formação profissional de nível superior, seguindo a lógica de reflexão dos malefícios que a cola possa vir a trazer, terá muito mais consciência e comprometimento com o processo ensino-aprendizagem, o qual fará a diferença no mercado de trabalho.

Algumas instituições de ensino, visando minimizar essa prática ilícita de cola, já estão instalando câmeras nas salas de aula, bem como, criando suas comissões de combate à fraude, pautadas na ética acadêmica para o exercício da aprendizagem e consciência discente.

O objetivo dessas instituições é a de exterminar ou, pelo menos, minimizar, essa prática de cola, ou mesmo plágio nas atividades acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de mensuração de notas e médias finais nas avaliações pode estar estimulando os discentes na produção dos lembretes e por consequência na prática de ato ilícito e antiético.

Assim, percebemos que a mudança de paradigma é urgente. Novas posturas para reversão do hábito da cola devem ser implantadas com maior brevidade possível, pois ninguém deve aprender para ser avaliado, e sim para estar capacitado a ocupar espaço de destaque no mercado de trabalho.

A elaboração da nota e média final não deveriam estar atreladas simplesmente à feitura da prova, pois o resultado desta não pode refletir o grau de conhecimento do aluno. Neste dia específico, o aluno pode estar indisposto, com problema de ordem particular, nervoso, ansioso... Para evitar percalços, elabora a famigerada “cola”, para evitar surpresa.

A avaliação deveria ser contínua e cumulativa, resultante de um acompanhamento diário, transparente e negociado, entre o discente e o docente, com aplicação de atividades que mensurasse o grau de desenvolvimento e conhecimento adquirido, para que ao final do período atribuísse à nota. A nota deve ser resultado de um processo de aprendizagem, em que a partir do acerto entre as partes, professor e aluno, se definem a avaliação.

BIBLIOGRAFIAS

GOLDBERG, Marco César. **Educação e qualidade: repensando conceitos**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. São Paulo, v. 79, p. 35-45, set./dez.1998.

MARTINS, Vicente. Como acabar com a cola na educação escolar. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco**. Fortaleza, 2001. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/philos17.htm>. Acesso em 25 Nov. 2011.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicologia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de Aprendizagem Escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZAGURY, Tânia. **O Professor Refém**. Editora Record, 2005.